



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Ciclos de leituras como prática de formação de professores de filosofia

Área temática: Educação

Nome dos autores: Marcelo Senna Guimarães

Nome da instituição: UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Departamento de Filosofia

Projeto de Extensão Filosofia na Sala de Aula (Faculdade de Filosofia / Faculdade de Educação)

Resumo: O artigo descreve a prática dos ciclos de leitura sobre filosofia e ensino, como uma prática extensionista voltada para a formação de professores de filosofia. Descreve o contexto de elaboração dessa atividade, suas características principais e analisa alguns de seus resultados. Entre eles, a possibilidade de tratar de temas importantes para os professores de forma mais detida e aprofundada, e os ganhos em termos de formulação teórica e de desenvolvimento de empatia que se puderam obter.

Palavras chave: Ensino de Filosofia; Formação de Professores; Ensino Médio.

1. Introdução

Como mostram pesquisas recentes sobre a formação docente no Brasil, o diagnóstico atual indica uma série de problemas a serem enfrentados: “podemos sintetizar essa formação como apresentando currículos fragmentados, com conteúdos excessivamente genéricos e com grande dissociação entre teoria e prática, estágios fictícios e avaliação precária, interna e externa” (GATTI, 2013, p. 58).

Diante desse quadro, evidencia-se a necessidade de buscar modos de realizar a formação docente que atuem sobre os pontos identificados como problemáticos. O campo da extensão é considerado como um campo propício para realizar experiências localizadas de formação cujos objetivos específicos sejam abordar um ou mais desses pontos. Dada a possibilidade de promover um encontro entre aqueles que estão trabalhando diretamente

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



nas escolas e os que estão envolvidos na formação de futuros professores, as diversas questões relativas à prática de ensino de filosofia podem vir à tona e serem abordadas levando em conta sua complexidade. Busca-se, assim, uma interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade, no caso específico aqueles setores envolvidos com o ensino de filosofia na educação básica, o que inclui professores desse nível de ensino, licenciandos e professores responsáveis pela formação docente no nível superior, entre outros. Essas formulações são feitas em consonância com a Política Nacional de Extensão Universitária, formulada pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX, 2012, p. 15-ss). As diretrizes aí indicadas, quais sejam, a interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; impacto na formação do estudante; e impacto na transformação social; tentam ser abarcadas em sua totalidade em um projeto como o que se descreve adiante. Não se trata de demasiada pretensão do projeto, mas de observar que, se bem cumpridas suas diversas etapas, é possível fazer convergir todas as diretrizes, ainda que de modo localizado. Assim, no ciclo de leituras propomos uma interação dialógica com os participantes; essa interação está aberta a envolver profissionais de diferentes disciplinas e de todos os campos do trabalho em educação; ensino, pesquisa e extensão se articulam na seleção, leitura e análise de textos, levantamento de questões concernentes às temáticas e aos grupos envolvidos e encaminhamentos de ações; espera-se com isso produzir efeitos na formação de licenciandos e na prática de professores, realizando algum tipo de transformação social.

2. Material e Metodologia

Dentre as atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão Filosofia na Sala de Aula, trataremos especialmente dos Ciclos de Leituras, entendidos como um espaço importante para a formação de professores.

Nesses ciclos, propomos um conjunto de textos para leitura conjunta e discussão com os professores e demais participantes. Os textos tratam de diversos aspectos do ensino de filosofia e proporcionam elementos para abordar as práticas efetivas dos professores em suas escolas. São selecionados a partir da experiência e do conhecimento prévio dos

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



organizadores do ciclo, que são os participantes do projeto de extensão. Assim, com base nas atividades já realizadas, avaliamos os temas que parecem mais oportunos para buscar nos textos elementos motivadores para as conversas e discussões. No primeiro ciclo de leituras, realizado em 2014, selecionamos um conjunto de textos que tratam do ensino de filosofia de um ponto de vista metodológico. Buscou-se levantar três perspectivas diferentes sobre o ensino da disciplina e propô-las como ponto de partida para as leituras e análises com os professores. Escolhemos textos de autores conhecidos na área: Guillermo Obiols, Lidia Maria Rodrigo e Silvio Gallo (OBIOLS (2002), RODRIGO (2009), GALLO (2012)). Selecionando alguns capítulos de cada livro, iniciamos nossa proposta de leituras e conversas sobre os textos. A divulgação foi feita com base nas listas de contatos de professores, licenciandos e outros interessados que já tínhamos recolhido a partir de atividades anteriores do projeto. Também foram produzidos novos materiais de divulgação, como um folder e um texto-convite, que foi distribuído em forma impressa e também por outros meios digitais, incluindo diversos grupos virtuais que têm a questão do ensino de filosofia como foco de interesse.

O grupo de pessoas que se dispôs para participar do ciclo de leituras não foi muito grande, num primeiro momento. Fizemos sete sessões em 2014, com a presença de cinco a dez participantes em cada uma. Em cada encontro, apresentamos brevemente os textos, selecionamos trechos para leitura e análise e abrimos a palavra para participação de todos. O objetivo não é apenas a compreensão do texto, mas a abertura de um espaço de diálogo entre os professores. Assim, cada trecho de texto costuma suscitar uma série de comentários dos professores e dos demais participantes, que indicam suas preocupações e suas experiências com a prática do ensino de filosofia nas escolas. O diálogo que se desenvolve a partir daí é conduzido pelos coordenadores da atividade ao modo de uma investigação coletiva, tentando compreender os problemas levantados pelos professores e encaminhar, se possível, alguma solução para eles. Deve-se ressaltar que um elemento fundamental dessas rodas de leitura é a prática da escuta atenta dos participantes. Consideramos que muitos professores trabalham relativamente isolados em suas escolas, raramente contando com uma equipe de trabalho específica da disciplina Filosofia e tampouco com reuniões regulares de planejamento e avaliação da prática docente. Desse

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

modo, a atividade dos ciclos de leitura visa proporcionar uma oportunidade para os professores conhecerem outras perspectivas e outras experiências de trabalho. Essas perspectivas e experiências abrangem a proposição de programas de curso e planos de aula, a definição do currículo da disciplina, o uso de textos e de outros recursos didáticos, a metodologia das aulas, a preparação de avaliações específicas de filosofia e a participação nos rituais escolares, como reuniões de coordenação, conselhos de classe, períodos de avaliação, etc.

3. Resultados e Discussões

Os resultados têm sido variados, mas apontam caminhos importantes para o aprimoramento do ensino de filosofia nas escolas. Foram abordados temas como a coordenação de uma equipe de professores de filosofia, os modos de trabalho com conteúdos específicos da disciplina, a prática de interdisciplinaridade com áreas como artes, língua portuguesa e história. Além dos temas que foram discutidos, alguns comentários dos participantes sobre o valor das sessões de leitura e conversa nos chamaram a atenção. Esses comentários ressaltavam a importância daquele tipo de espaço, onde as conversas podiam acontecer de modo calmo e pausado, com referências teóricas, com interlocutores qualificados e de experiência diversificada, espaço em que as questões levantadas tinham encaminhamentos de respostas apontados pelas diversas falas, mas que preservavam também a autonomia de cada participante para resolver como agir em seu contexto de trabalho ou de atuação. Esses comentários a princípio nos surpreenderam, como organizadores do ciclo de leituras. Não tínhamos ideia de que nossa proposta teria capacidade de adquirir tamanho valor para os professores e estudantes que estavam participando. É claro que pretendíamos contribuir para a formação de professores e licenciandos e para a prática de ensino de filosofia nas escolas, mas os comentários pareciam indicar que algo mais estava se realizando.

Esse “algo mais” talvez tenha ficado manifesto à medida que alguns dos temas se desenvolveram. Como citamos acima, um dos temas abordados foi o tema da coordenação de uma equipe de filosofia. Um dos docentes presentes ao ciclo de leituras (não

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



identificaremos aqui nem os nomes dos docentes, nem as instituições em que atuam) relatou seu trabalho em uma instituição de ensino que, ao contrário de grande parte da experiência dos professores de filosofia, conta com uma equipe de trabalho relativamente grande nesta disciplina. Não obstante, como ele tinha assumido o papel de coordenador da equipe, estava enfrentando várias dificuldades. Segundo seu relato, um número significativo de professores da equipe recusava-se a discutir um currículo comum para a disciplina, e mesmo quando aceitava participar das discussões, recusava-se a implementar alguma proposta de currículo combinada com os demais colegas nas suas próprias aulas. Isso gerava um problema para os estudantes da escola, pois como muitos deles estudavam em turmas cujos professores de filosofia eram diferentes de um ano para o outro, as exigências que encontravam em uma nova série não eram coerentes com as que lhes tinham sido apresentadas anteriormente. Havia uma defasagem, ou um descompasso, entre as aulas de distintos professores, o que prejudicava a produção de uma continuidade no aprendizado de filosofia entre os estudantes. Além disso, havia a recusa por parte de alguns docentes de mudar sua postura, mesmo diante das tentativas da coordenação da equipe de fazer ver a razoabilidade das demandas dos alunos, ao que se juntavam também demandas da coordenação pedagógica da escola como um todo.

Nas conversas que se seguiram, vários participantes tentaram emitir suas opiniões sobre como lidar com a situação. Alguma referência nos textos que tínhamos tomado como base foi buscada também. Porém, não podemos dizer que chegamos a uma solução para o problema. Nenhuma das opções de atuação parecia satisfatória para o professor que tinha relatado o caso, e algumas delas já tinham sido tentadas mas não tinham tido bom resultado. Mesmo não encontrando uma solução específica para essa questão, o professor relatou que só o fato de poder expor o assunto e trocar ideias com outros colegas já tinha sido de algum proveito para ele. Por outro lado, ele também tinha encontrado outros colegas que tinham passado por situações mais ou menos parecidas. Isso também gerou um efeito positivo, no sentido de perceber que o problema que estava enfrentando era comum em outras instituições e em outros ambientes de trabalho. Assim, percebia que o problema não era dele, pessoal, mas talvez uma questão mais ampla, que envolvia o trabalho com ensino de filosofia em diferentes contextos. Essa percepção parecia ser um ganho para o

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



professor, pois a questão, apesar de não resolvida, tomava uma outra dimensão. O fato de perceber que era uma questão presente em outros locais tornava possível encará-la como algo que tinha que ser tratado em outros termos, mais impessoais, e que nos levou a discutir a formação dos professores nas universidades, o divórcio entre a prática de professores e a prática dos pesquisadores, conforme as exigências da vida acadêmica, entre outras questões.

Um outro exemplo de tema surgido nas conversas do ciclo está relacionado com um conteúdo específico da disciplina filosofia. Uma professora relatou que estava tentando apresentar aos alunos o tema do mito e do pensamento mítico, em contraposição ao pensamento filosófico. Porém, tinha escolhido abordar inicialmente mitos da cultura brasileira, e não da cultura grega. Por conta dessa escolha, tinha se surpreendido com a reação dos alunos, que aparentemente manifestavam mais estranheza com as narrativas pertencentes à nossa própria cultura do que aquelas que fazem parte da tradição greco-romana ou mesmo nórdica. Essa observação gerou um problema para a professora, pois ela considerou que surgia uma necessidade de entender melhor o que se passava. Seria necessário promover o maior conhecimento de mitos de origem indígena e africana, presentes em diversas regiões do Brasil? Como seria possível relacionar esse trabalho com a questão do surgimento da filosofia na Grécia, já que se trata da relação entre o pensamento racional, típico da tradição ocidental, e um conjunto de mitos antigos, próprios da cultura dos povos helênicos? O contato de portugueses com indígenas e africanos poderia sugerir alguma analogia para a questão do surgimento da filosofia? Não chegamos a estabelecer respostas conclusivas para todas essas questões, mas exploramos algumas possibilidades que indicavam formas de abordar esses temas com os estudantes do ensino médio. O tema da relação entre mito e filosofia é um ponto que costuma ser proposto para os currículos no início dos cursos, no ensino médio, de modo geral, se localizando no primeiro ano. Porém, é difícil tratá-lo sem recair em alguns lugares comuns que podem ser enganadores. A idéia de que o surgimento da filosofia e do pensamento racional é uma “evolução” do ser humano, uma “melhoria” em relação ao pensamento mítico, vem sendo problematizada por alguns autores. Por outro lado, a equiparação entre os dois como distintas formas de pensamento, nem melhores nem piores uma que a outra, também não é

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



aceita sem mais. Compreender o surgimento da filosofia no contexto da cultura grega, marcada pela presença do mito e da religião politeísta, é difícil para nós, em nosso contexto marcado pelo cristianismo e pelo sincretismo entre as religiões e crenças. Em todo caso, algumas experiências que exploram os sentidos de mito inclusive em nossa cultura podem se mostrar mais efetivas para proporcionar aos estudantes uma possibilidade de refletir sobre as diversas formas de pensamento, sem absolutizar a superioridade das ciências ou do pensamento racional e filosófico sobre outras formas, mais imaginativas.

4. Conclusão

A conclusão que podemos apresentar agora, com relação a esse modo de atividade de extensão desenvolvida, é bastante parcial. Mas nos parece interessante perceber que a densidade das discussões havidas durante o ciclo de leituras indica a potencialidade que tem esse tipo de encontro para enriquecer a experiência e a prática de professores da educação básica e do ensino superior. Para os primeiros, o simples fato de encontrar interlocutores para suas angústias e questões geradas a partir do ofício de professor já representa um ganho em relação às condições de isolamento em que se encontram no trabalho, mesmo no caso em que compartilham seu trabalho com outros professores da mesma disciplina. Talvez a possibilidade de conversar sobre temas e problemas da escola fora do ambiente escolar seja um dos fatores que tornam essa experiência mais proveitosa. Para os professores e estudantes universitários, o contato com as situações concretas das escolas, conforme relatadas pelos professores que atuam ali, permite tornar mais concretos os desafios que se devem enfrentar no campo da formação docente.

Desse modo, o que pode parecer a princípio uma desvantagem se revela como o seu oposto. O fato de termos a presença de um número pequeno de participantes na verdade se mostrou mais produtivo. Em grupos pequenos, as conversas puderam se aprofundar mais, os problemas puderam ser tratados com maior detalhe, uma certa empatia pode se desenvolver entre os interlocutores de modo a proporcionar uma satisfação afetiva, para além do trato das questões objetivas, didáticas ou teóricas. Entendemos, portanto, que a prática dos ciclos de leituras é uma prática promissora para as experiências de formação de

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



professores no contexto das atividades de extensão.

5. Referências

GATTI, Bernardete. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. *In: Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013, Editora UFPR.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. FORPROEX. Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Brasil. Manaus, 2012.

OBIOLS, Guillermo. **Uma introdução ao ensino de filosofia**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2002.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**. Uma didática para o ensino médio. Campinas/SP: Papirus, 2012.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

